

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

THAYSA TEIXEIRA CONRADO

Aprendizagem Ubíqua Mediada pela Rede Social Facebook

CAMPO GRANDE-MS

2016

THAYSA TEIXEIRA CONRADO

Aprendizagem Ubíqua Mediada pela Rede Social Facebook

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande, como requisito final para a obtenção do título de Graduado em Letras, habilitação Português\espanhol, sob a orientação da Prof.^a Me. Karla Ferreira da Costa.

CAMPO GRANDE-MS

2016

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande, como requisito final para a obtenção do título de Graduado em Letras, habilitação Português\espanhol.

Apresentado em: _____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Me. Karla Ferreira da Costa

(Presidente)

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel

(Membro)

Profª. Me. Themis Rondão Barbosa da Costa Silva

(Membro)

Dedico este trabalho a Deus pela sabedoria, paciência e saúde, a meus familiares e amigos pela confiança e compreensão nos momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Deus, que é o principal motivo da minha existência. Quero agradecer também a minha família, que com toda compreensão, força, apoio e amor me ajudou a chegar até aqui e a não desistir do curso nos momentos de dificuldade.

A minha orientadora, professora Karla, pela dedicação e ajuda que foram de grande importância para a elaboração deste trabalho, além de suas orientações que foram muito úteis para o enriquecimento do mesmo.

Ao professor Ruberval, que através de suas aulas fez surgir o interesse pelo tema deste trabalho e que também teve grande importância na elaboração do mesmo e também pela participação na banca examinadora da apresentação deste artigo.

Aos meus colegas de faculdade que estiveram sempre próximos me ajudando e me incentivando e que com suas conversas tornaram alguns momentos de angústia mais fáceis de lidar.

Agradeço também aos meus professores de todas as disciplinas, pois todas foram essenciais à minha formação e por isso, agradeço igualmente a cada um pela dedicação e esforço na transmissão do conhecimento.

Obrigada também à professora Themis, pela disponibilidade em participar da banca do meu trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar as implicações do *Facebook* e suas contribuições ao ser utilizado como uma extensão às práticas educativas, considerando-se o fato de ser uma plataforma atual que proporciona interações entre professor/aluno; aluno/aluno e aluno/conteúdos em ambientes diversos. Esse trabalho traz um relato de experiência do uso do *Facebook* como uma ferramenta complementar às aulas da disciplina Linguagens e Tecnologias Digitais, de uma turma de graduação do Curso de Letras. Buscou-se retratar o deslocamento do espaço de ensino-aprendizagem para além sala de aula, ao visitar o conceito de ubiquidade (SANTAELLA, 2013). Percebe-se que esse deslocamento proporcionou mais confiança aos alunos para expor seus pontos de vista virtualmente, o que permitiu repensar a ideia do aluno passivo e projetar um aluno participativo. Para isso, foram abordados conceitos como inteligência coletiva (LÉVY, 2003), ciberespaço (LÉVY, 1999, 2000, 2003) e WEB 2.0 (MATTAR, 2013) que consideram os ambientes digitais como espaços de colaboração e ressignificação de conteúdos a partir de uma participação ativa do aluno, que se apresenta como coautor de seu processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Redes Sociais. Ubiquidade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las implicaciones del Facebook y sus contribuciones para ser utilizado como una extensión de las prácticas educativas, teniendo en cuenta el hecho de que una plataforma actual que proporciona interacciones entre profesor / alumno; estudiante / alumno y alumno / contenido en diferentes entornos. Este trabajo aporta un relato de experiencia facebook como un suplemento a la disciplina escolar lenguajes y tecnologías digitales, una clase que se graduó de la Literatura Curso. Él trató de retratar el desplazamiento del entorno de enseñanza-aprendizaje más allá del aula, para revisar el concepto de ubicuidad (Santaella, 2013). Se dio cuenta de que este cambio ha proporcionado una mayor confianza por parte de los estudiantes para exponer sus puntos de vista de forma virtual, lo que permite replantear la idea de alumno pasivo y diseñar un estudiante participativo. Para ello, se discutieron conceptos tales como la inteligencia colectiva (Lévy, 2003), el ciberespacio (Lévy, 1999, 2000, 2003) y WEB 2.0 (Mattar, 2013) que tenga en cuenta los entornos digitales como espacios de colaboración y el contenido de un reencuadre participación activa del estudiante, que aparece como co-autor de su proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Educación. las redes sociales. la ubicuidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O FACEBOOK.....	12
2 CIBERESPAÇO, INTELIGÊNCIA COLETIVA, WEB 2.0 E UBIQUIDADE	15
2.1 CIBERESPAÇO.....	15
2.2 INTELIGÊNCIA COLETIVA.....	16
2.3 WEB 2.0.....	17
2.4 UBIQUIDADE.....	19
3 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	21
4 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

As tecnologias estão cada vez mais inseridas no dia a dia das pessoas, ainda assim, são pouco exploradas em sala de aula. Por vezes, isso se deve à falta de domínio de uso dessas tecnologias por parte dos docentes (SANTAELLA, 2010; ROJO, 2012; 2013). Dentre as possíveis causas da falta de domínio tecnológico por parte dos professores estão: a falta de tempo, de interesse, de investimentos em formação continuada por parte das Secretarias de Educação, de recursos para aquisição de aparatos tecnológicos, o medo de serem substituídos pela tecnologia, entre outras.

Desta forma, surge um entrave significativo na relação Professor/Aluno: a implicação das tecnologias digitais em sala de aula. Na sociedade contemporânea não há mais como separar tecnologias e Educação, os alunos nascem inseridos nesse mundo tecnológico e em sua maioria possuem contato com as mais diversas formas de interação e socialização digital (*downloads*, redes sociais, entre outros), desde a mais tenra idade. Nesse sentido, as tecnologias digitais se utilizadas de maneira eficiente no sentido de atingir objetivos pedagógicos no ambiente escolar, tendem a proporcionar uma melhor satisfação nas relações de Ensino-Aprendizagem (COPE; KALANTZIS, 2012).

Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados por muitos anos na educação parecem perder força ao depararem-se com o surgimento das diversas tecnologias. De certa maneira, em diversos ambientes escolares ainda espera-se que o professor seja o detentor de todo o conhecimento e que o aluno absorva esse conhecimento passivamente. Infelizmente, a aprendizagem em algumas instituições continua seguindo o modelo tradicionalista de ensino, onde a educação é imposta e não mediada, o que reforça uma passividade entre aquele que sabe e impõe, e aquele que obedece calado. Para Santaella (2013b, p.126)

O que precisamos reter em nossas mentes é que vivemos em um tempo em que não há mais lugar nem tempo para a nostalgia. A velocidade tomou conta do mundo e se há uma área da ação humana que não permite que fiquemos à janela vendo a banda passar, essa área é a educação.

A princípio as redes sociais foram criadas com o intuito de entreter. No entanto, incorporar as novas tecnologias e as redes sociais ao ambiente escolar pode significar uma proposta de ensino-aprendizagem mais estimulante. A partir daí, o aluno encontra oportunidades para adquirir conhecimento, produzir e compartilhá-lo de forma mais autônoma.

Além disso, podem ser importantes recursos de auxílio para o professor em sala de aula, desde que utilizadas de maneira consciente e crítica, com vistas a atingir objetivos para a prática pedagógica. Através das redes sociais como recurso pedagógico, o professor pode promover uma maior interação com os alunos, estreitando essa relação. Esse momento em rede possibilitaria ao aluno expor sua opinião, num ambiente seguro, onde ele teria maior tempo para organizar, elaborar e reelaborar seus argumentos, seus pontos de vista; o que minimiza a sensação de intimidação.

Para que o uso das redes sociais e das diversas tecnologias que estão surgindo tenha êxito em sala de aula, os educadores precisam encontrar-se com conceito de inteligência coletiva, aquele que estimula a aprendizagem cooperativa. Dessa maneira, Pierre Lévy (1999, p.171) afirma que:

Os professores e os estudantes partilham de recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas.

Nesse sentido, ao usar as redes sociais como recurso pedagógico, o professor pode incentivar a aprendizagem compartilhada e o pensamento crítico. Com o avanço das tecnologias surgem ainda conceitos como: comunidade virtual e ciberespaço; que estão atrelados à questão da ubiquidade, que traz a possibilidade de construir conhecimento independentemente das proximidades geográficas e em tempo real.

Alguns dos objetivos deste trabalho são: Analisar as contribuições do *Facebook* ao ser utilizado como uma extensão às práticas educativas, identificar e explorar as possibilidades educativas do *Facebook*, e, aumentar o interesse, a participação e a interação dos alunos nas atividades escolares, verificar a eficácia do *Facebook* em propostas pedagógicas que valorizem a participação mais ativa dos

alunos, a partilha de informação e o trabalho colaborativo. É um artigo que possui relevância para professores, pesquisadores e a quem se interessar pelo assunto.

Assim sendo, o interesse por esse estudo surgiu a partir da disciplina Linguagens e Tecnologias Digitais, ministrada no segundo ano do Curso de Letras da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. A partir da leitura dos textos propostos em sala sobre redes sociais, multiletramentos e educação ubíqua, este estudo visa reiterar a ideia de que para se adquirir/produzir conhecimento não é necessário que o aluno esteja dentro de sala de aula.

O artigo será iniciado com um breve relato sobre a criação do *Facebook* e de como ao longo dos anos desde o seu surgimento, as suas funções têm sido utilizadas. Na sequência serão apresentados os conceitos teóricos de Ciberespaço, Ubiquidade, Inteligência Coletiva e Web 2.0 e para concluir será feita uma reflexão sobre a aprendizagem no ambiente *Facebook*, através de um relato de experiência própria vivenciada durante as aulas de Linguagem e Tecnologias Digitais.

1 O FACEBOOK

Atualmente, o *facebook* é uma das redes sociais mais populares entre as pessoas e principalmente entre os jovens. Foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e tinha como objetivo principal manter os estudantes de Harvard conectados, e com o enorme sucesso na universidade a rede se expandiu para todo o mundo. O *facebook* é uma rede que permite que seus usuários postem fotos, vídeos, criem eventos e grupos de discussão. Os usuários também podem se comunicar através de bate-papo e mensagens, podem fazer comentários e curtir assuntos que são de seu interesse, bem como, controlar quem pode ter acesso à informação específica ou realizar determinadas ações.

De acordo com Jenkins (2008 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 317) a convergência midiática implica várias intersecções entre mídias, indústrias, conteúdos e audiências. Na cultura participativa, os antigos consumidores dos meios de comunicação de massa tornam-se prosumidores (produtores e consumidores ao mesmo tempo), pois passam a desempenhar um papel cada vez mais importante na construção, distribuição e recepção de conteúdos midiáticos.

Ao conectar o ambiente da sala de aula com o ambiente virtual *Facebook*, os professores podem criar grupos e discutir os assuntos que foram ou não abordados em sala de aula, aonde podem também postar *links*, textos, vídeos, imagens, atividades. Além disso, essa rede pode contribuir para aumentar a interação entre os alunos, fazendo com que se sintam motivados a aprender e expor seus pontos de vista, além de estreitarem os laços de amizade entre eles e os professores.

As redes sociais não foram criadas com objetivos educacionais. Por isso, espera-se que os professores utilizem sua criatividade e criticidade para trabalhar com esse recurso a fim de construir novas e diferentes formas de ensino-aprendizagem.

Conforme Pierre Lévy (1999, p.30)

Para o indivíduo cujos métodos de trabalho foram subitamente alterados, para determinada profissão tocada bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoletos seus conhecimentos tradicionais ou mesmo a existência de sua profissão -, para as classes sociais ou regiões do mundo que não participam da efervescência da criação, produção e apropriação lúdica dos novos instrumentos digitais, para todos esses a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro ameaçador”.

O surgimento constante de novas tecnologias tem sido visto como um “outro ameaçador”. O mundo vem evoluindo de forma acelerada, o que tem levado várias pessoas a sentirem-se ultrapassadas com as diversas mudanças que estão surgindo, não só no meio educacional, mas em todas as áreas que envolvem tecnologias em geral. No caso dos professores, esse sentimento de um “outro ameaçador” pode indicar um pensamento de que com a criação de novas tecnologias, talvez no futuro, os alunos não necessitem mais da figura do professor, pois qualquer informação necessária para seu estudo pode ser encontrada na internet. Essa visão baseia-se na crença tradicionalista de que o professor é o detentor de todo o conhecimento. Nessa lógica, a revolução tecnológica da atualidade apresenta-se como um convite à reflexão constante sobre o papel do professor.

Nesse contexto, o *Facebook* apresenta-se como um recurso de apoio ao ensino bastante eficaz. A partir das inúmeras possibilidades que o *Facebook* oferece, podemos elencar: o *chat* para tirar dúvidas em tempo real, tanto entre aluno-professor, quanto entre os próprios alunos; a criação de grupos, onde as pessoas conseguem compartilhar fotos e vídeos; a criação de um ambiente de debate para coletar a opinião dos alunos sobre determinados assuntos; um ambiente para compartilhar materiais utilizados nas aulas. Esses recursos ampliam a possibilidade de uma melhor fixação do conteúdo, pois os alunos podem acessá-lo de qualquer lugar, e colaboram nas relações entre os membros do grupo. Para os alunos há um sentimento de mais proximidade, um incitar à curiosidade, que pode motivar o desejo para pesquisar diversos assuntos.

Figura 1- Exemplo de página de perfil pessoal no Facebook



Fonte: FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso em: 11/10/2016.

Figura 2- Exemplo de página de grupo no Facebook



Fonte: FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso em: 11/10/2016.

2 CIBERESPAÇO, INTELIGÊNCIA COLETIVA, WEB 2.0 E UBIQUIDADE

Para além de ser apenas um transmissor de conteúdos e conhecimentos, o ambiente educacional (escolas, universidades) tem a tarefa primordial de reconstruir o papel do aluno. Dessa maneira, o trabalho do professor pode oferecer encaminhamentos que estimulem a criatividade e o pensar do aluno, fazendo com que este, seja criador do seu conhecimento.

Nesse sentido, o presente capítulo irá tratar sobre alguns conceitos que norteiam o ambiente virtual e a ideia de aprendizagem compartilhada de qualquer ambiente e, como esses conceitos podem auxiliar no ambiente educacional.

2.1 O CIBERESPAÇO

A coordenação dos saberes pode ocorrer no ciberespaço, o qual não é apenas composto por tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é habitado pelos saberes e pelos indivíduos que os possuem (LÉVY, 2000). O ciberespaço permite que os indivíduos mantenham-se interligados independentemente do local geográfico em que se situam.

Ele desterritorializa os saberes e funciona como suporte ao desenvolvimento da inteligência coletiva. Quanto à mobilização efetiva das competências, Lévy (2003) mostra que um fator importante para que ela ocorra é conseguir identificar as competências dos sujeitos e compreendê-las em suas multiplicidades.

Na introdução de seu livro *Cibercultura*, Lévy (1999, p.17) apresenta um conceito do ciberespaço:

é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Então, a partir do ciberespaço seria possível identificar a Internet como sendo esse novo meio levando à conclusão de que são similares. Assim, a Internet pode ser vista como parte dessas tecnologias digitais, ou como a infraestrutura de comunicação que sustenta o ciberespaço. Uma vez que uma informação se encontra no ciberespaço, ela está virtual e à disposição de qualquer pessoa, independentemente do local.

Contudo, existe uma diferença fundamental a ser considerada conforme o autor pontua no sentido de que, "[...] as grandes tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento" (LÉVY, 1999, p. 32). Assim sendo, o ciberespaço é "alimentado" pelas tecnologias digitais e o *Facebook* é um grande contribuinte, a partir do momento em que se torna um ambiente onde a novidade é uma constante, o que faz com que seu número de usuários cresça diariamente.

2.2 A INTELIGÊNCIA COLETIVA

A inteligência coletiva Segundo Lévy (2003, p. 28), é "[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências". Ela visa ao reconhecimento das habilidades que se distribuem nos indivíduos, a fim de coordená-las para serem usadas em prol da coletividade. O trabalho coletivo permitiu o desenvolvimento de redes, o intercâmbio de informações e novas formas de acesso, construção e compartilhamento de conhecimentos com o auxílio do computador.

Para Lévy (2003), a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos, que não está restrita para poucos privilegiados. O saber está na humanidade e todos os indivíduos podem oferecer conhecimento; não há ninguém que seja nulo nesse contexto. Por essa razão, o autor afirma que a inteligência coletiva deve ser incessantemente valorizada. Deve-se procurar encontrar o contexto em que o saber do indivíduo pode ser considerado valioso e importante para o desenvolvimento de um determinado grupo.

2.3 A WEB 2.0

Em seu livro *Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e educação*, Santaella (2013, p. 40) afirma:

A nomenclatura das “Webs 1.0, 2.0 e 3.0” começou a ser empregada, depois que a expressão “Web 2.0” foi apresentada por Tim O’Reilly para se referir a uma espécie de segunda geração de aplicativos, comunidades e serviços de que a Web seria a grande plataforma.

De acordo com Mattar (2013), na Web 2.0, o usuário não é mais concebido apenas como um consumidor passivo, mas agora também como desenvolvedor de software, que se aprimora conforme é mais utilizado e modificado pelos usuários. Mattar (2013, p. 21) ainda afirma que:

Em seus primórdios, a web possibilitava acesso e download de conteúdo. Já a cultura da Web 2.0 considera o usuário também como um autor, ou seja, ele acessa, mas também remixa e produz conteúdos, que por sua vez são lançados de volta à rede para acesso e retrabalho por outros.

Nessa perspectiva, a ideia de colaboração é uma característica importante para a educação, na medida em que o aluno deixa de ser um receptor passivo de informações e, passa a ter papel ativo, colaborando e posicionando-se por meio de ideias que podem contribuir para a sua própria aprendizagem e de outros alunos da turma.

A figura 3 a seguir mostra alguns exemplos e conceitos que diferenciam Web 1.0 e Web 2.0:

Web 1.0	Web 2.0
Britannica Online	Wikipédia
Sites pessoais	Blogs
Publicação	Participação
Sistemas de gerenciamento de conteúdo	Wikis
Diretórios (taxonomia)	Tags (folksonomia)

Fonte: informações extraídas de O'Reilly (2005).

Ao reiterar esses conceitos, Mattar (2013) menciona a teoria do conectivismo, que não considera o professor como o único responsável por definir, gerar ou organizar o conteúdo. O professor conta também com a colaboração dos alunos numa estrutura emergente que se torna mais eficiente para atingir objetivos de aprendizagem. Nessa perspectiva, Patrício e Gonçalves (2010, p. 593) corroboram a ideia de Mattar (2013) ao afirmar que :

[...] as tecnologias Web permitem aos professores definir estratégias pedagógicas inovadoras que incluam utilização de software social como ferramentas de trabalho de modo a flexibilizar os contextos de aprendizagem, individuais e cooperativos, a ensinar alunos a aprender no ciberespaço, a pensar, a cooperar, a partilhar e a construir o seu próprio conhecimento.

Assim, o uso das tecnologias Web promove uma maior liberdade de aprender, ensinar, pesquisar; além de ser um recurso potencializador para o desenvolvimento do pensamento crítico. A partir do momento, em que os alunos têm

acesso a inúmeras informações prontas na internet e são estimulados a refletir sobre o que, como e onde estão pesquisando e; por que fizeram escolhas em suas pesquisas, professores e alunos oportunizam momentos de ampliação do pensamento crítico.

2.4 A UBIQUIDADE

De acordo com o dicionário a palavra ubíquo é um adjetivo, "do latim ubíque", que significa estar em toda parte ao mesmo tempo. Santaella (2013) afirma que as redes de transmissão de dados e as tecnologias de informação e comunicação podem ser consideradas ubíquas. Atualmente, os sinais de internet, televisão e comunicações móveis estão disseminados por toda a parte e se encontram disponíveis em todo momento. A ideia de ubiquidade na educação diz respeito a não ter que estar necessariamente dentro de sala de aula para aprender determinado assunto. A ideia de ubiquidade na educação significa ter a possibilidade de estudar onde e quando quiser.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o leitor ubíquo está se locomovendo da escola para casa, por exemplo, ao leve toque no celular, em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional. Assim como pode conversar silenciosamente com alguém, ou com um grupo de pessoas que estão próximas a ele ou até mesmo em outra cidade.

O leitor ubíquo pode ser caracterizado pela sua capacidade de orientar-se realizando várias tarefas ao mesmo tempo, tanto no ambiente virtual, quanto no ambiente físico em que se encontra. Nos dias de hoje, o celular é um dos aparelhos que as pessoas não conseguem parar de utilizar. O celular contém jogos, vídeos, fotos, música, textos e, ao mesmo tempo possibilita manter uma comunicação ubíqua com seus contatos via sms, chamadas ou mensagens nas redes sociais em geral.

Em seu texto *Desafios da Ubiquidade para a Educação*, Santaella (2013, p. 23) afirma:

Tenho chamado de “aprendizagem ubíqua” as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis. Quais são as características emergentes dessa modalidade de aprendizagem? Desde o surgimento das redes de informação alimentadas pela internet e baseadas em nós interligados, por mim denominadas de tecnologias do acesso, a aprendizagem ubíqua já havia começado a se insinuar graças às vantagens que as redes apresentam em termos de flexibilidade, velocidade, adaptabilidade e, certamente, de acesso aberto à informação. Conhecido como Web 1.0, esse foi o período dos sites, dos chats, dos e-mails, dos fóruns e das buscas ainda dificultosas, pois não se contava na época com motores de busca tão sofisticados quanto os atuais.

Conforme a autora explicita, a Web 1.0 era caracterizada por *sites* em que as pessoas encontravam os materiais prontos e, a aprendizagem ubíqua já se insinuava no contexto da aprendizagem. No entanto, esse período logo cedeu passagem para a Web 2.0, ou Web colaborativa, pois surgiram *sites* em que o leitor pode colaborar com suas ideias durante seus acessos. A partir daí, surgiram as Wikis e as redes sociais, por exemplo. Di Felice (2009, p. 30 *apud* SANTAELLA, 2013) descreve esse período como o momento em que:

[...] surgiram novos processos de aprendizagem abertos, nos quais “os problemas são compartilhados e resolvidos de forma colaborativa”, formas profundamente distintas “da lógica do conhecimento individual e autoral desenvolvida pela cultura tipográfica” e, em parte, pela acadêmica.

Por permitir um tipo de aprendizado aberto, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

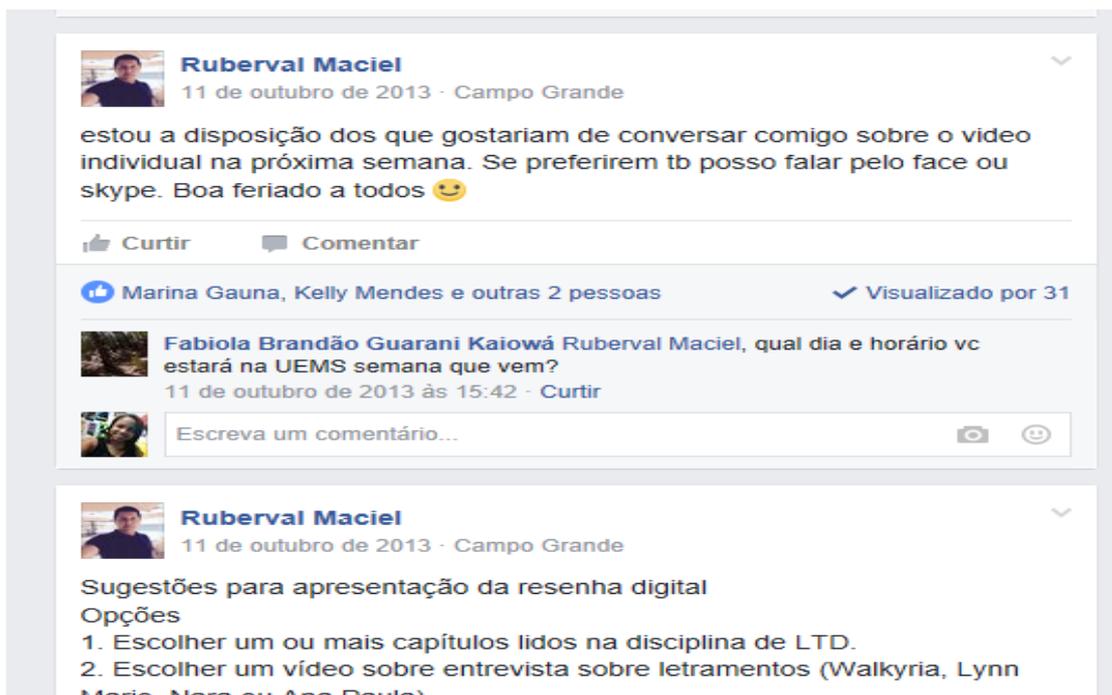
Diante do exposto, relato a experiência como aluna participante de um grupo do *Facebook*, utilizado como uma extensão da prática pedagógica de sala de aula, buscando nessa narrativa mostrar os conceitos vivenciados na prática proporcionada por meio das interações virtuais.

Em 2013, no segundo ano do curso de Letras tive a experiência de utilizar o *Facebook* como recurso pedagógico. Um grupo foi criado para nossa turma e a partir daí, a rede social foi utilizada como um complemento às aulas de Linguagens e Tecnologias Digitais. Nesse grupo eram propostas diversas atividades, como compartilhamento de vídeos e outros materiais relacionados aos assuntos que o professor estava ministrando.

Na sequência, apresento alguns recortes dessas atividades e interações no ambiente virtual que foram selecionados, com intuito de se fazer uma leitura interpretativa dos conceitos apresentados.

Na figura 4, percebe-se que uma das funções das postagens no grupo era repassar recados:

Figura 4 – Foto de recados do professor.



Como mostrado na figura 4, o professor postava diversos recados para os alunos, às vezes para ler algum material antes de ir para a aula ou até mesmo para avisar que estaria impossibilitado de dar aula naquele dia. Usar o *Facebook* para esse fim, fazia com que a maioria dos alunos visse o recado mais rapidamente e conforme visualizavam, curtiam ou comentavam, apareciam notificações para os membros do grupo. Mesmo que uma pessoa não visualizasse o recado, era avisada pelos demais alunos.

Esse excerto demonstra que o *Facebook*, visto como ciberespaço, permite que os indivíduos mantenham-se interligados independentemente do local geográfico em que se situam. Conforme apontado por Lévy (2000), a coordenação dos saberes pode ocorrer no ciberespaço, o qual não é apenas composto por tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é habitado pelos saberes e pelos indivíduos que os detêm.

Uma das principais funções do grupo no *Facebook* era compartilhar materiais para estudo, fornecer dicas de *sites* e materiais que pudessem contribuir no desenvolvimento da matéria. Na figura 5, o professor compartilhou um material sobre letramento visual.

Figura 5 – Material compartilhado



O letramento visual é a capacidade de ver e compreender imagens como textos inseridos em contextos sociais; e, finalmente, interpretar e comunicar o que foi visualizado cientes de que essas interpretações são socialmente construídas. (KRESS, 1996). Esse conceito foi apresentado em sala e utilizado para a interpretação e análise de propagandas. O conteúdo compartilhado serviu de complemento para o entendimento da matéria, onde precisávamos ver as propagandas e interpretá-las com um olhar crítico.

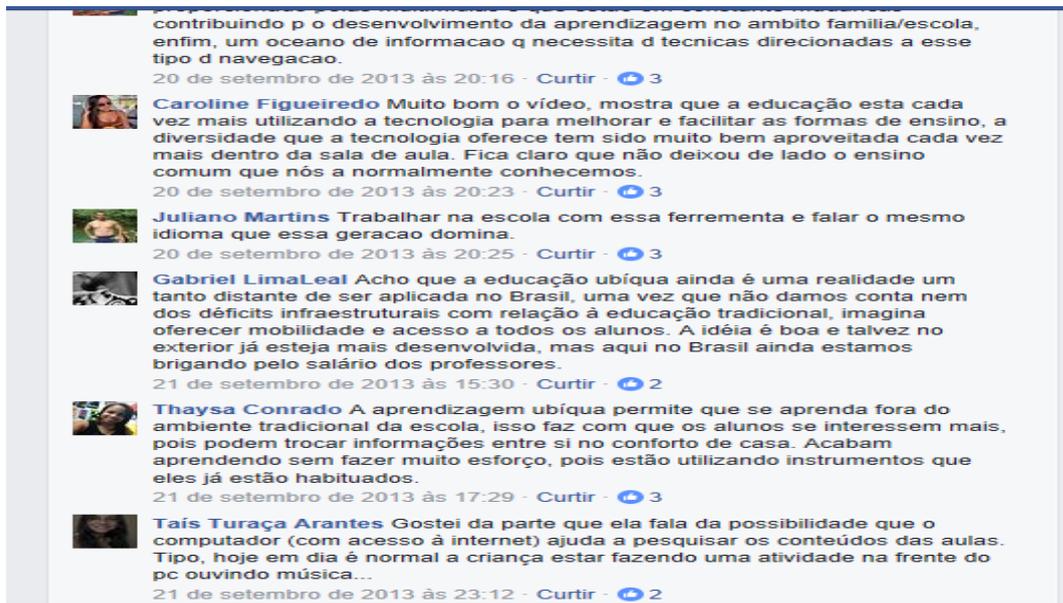
No começo o grupo estava meio tímido, mas conforme alguns os alunos começaram a participar, os outros ficavam mais motivados a interagir. As interações no grupo aconteciam a qualquer momento do dia e também durante as aulas, aonde muitas vezes as discussões eram feitas por meio de comentários nos tópicos criados pelo professor e não oralmente, como de costume. Um exemplo dessa participação virtual ativa dos alunos pode ser vista nas figuras 6 e 7.

Figuras 6 – Discussão dos alunos no grupo



Fonte: FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso em: 11/10/2016.

Figura 7 – Discussão dos alunos no grupo



Fonte: FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso em: 11/10/2016.

Conforme as figuras apresentadas percebe-se que trabalhar com as redes sociais traz a possibilidade de os alunos discutirem os assuntos de qualquer lugar que estejam. Nesse caso, professor compartilhou um vídeo sobre Educação Tradicional e Educação Ubíqua, onde conceitua cada um, falando de suas diferenças, fala que na Educação Ubíqua a aprendizagem ocorre de forma muito natural e parece que não estamos fazendo nenhum esforço para isso, pois podemos ter acesso a alguma informação em pouco tempo e sem precisar sair de casa. Dessa maneira, vivenciamos o que Santaella (2013) tem chamado de “aprendizagem ubíqua”, aonde as novas formas de aprendizagem são mediadas pelos dispositivos móveis.

Muitas discussões começavam em sala e depois de alguns dias ainda estavam sendo debatidas por meio de comentários dos membros do grupo. Algumas vezes não tínhamos aulas presenciais, mas tínhamos que participar virtualmente. O professor compartilhava vídeos e pedia para que os alunos comentassem a respeito. Dessa maneira, a questão da ubiquidade pôde ser discutida e vivenciada. Muitos alunos gostaram de trabalhar com a ferramenta, mas alguns tiveram bastante dificuldade, talvez pela idade e falta de habilidade em utilizar recursos tecnológicos.

Em tratando-se de ubiquidade, um dos desafios para os membros de um grupo do *Facebook* é que precisam aprender a dar prioridade aos assuntos abordados. Nesse sentido, desenvolvem a capacidade de interpretar os dados compartilhados e escolher fontes confiáveis para compartilhar informações com os outros membros. Estes são aspectos considerados pelo conceito de inteligência coletiva.

Lévy (2003) afirma que a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos, que não está restrita para poucos privilegiados. O saber está na humanidade e todos os indivíduos podem oferecer conhecimento; não há ninguém que seja nulo nesse contexto. Dessa maneira, a partir do momento em que compartilhávamos algo, comentando ou curtindo, estávamos contribuindo para o coletivo. Como mostram as figuras 6 e 7, conforme um aluno comentava, o outro complementava a ideia a partir do seu ponto de vista.

Mesmo tendo sido uma experiência nova e interessante, nem tudo o que foi compartilhado teve a participação ativa da turma, como por exemplo, o que a figura 9 demonstra.

Figura 9 – compartilhamento de material.



Fonte: FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso em: 11/10/2016.

A figura 9 mostra que o professor compartilhou um vídeo. A partir desse compartilhamento, foi solicitado aos alunos que assistissem antes da aula e comentassem o que haviam entendido. A maioria assistiu ao vídeo, apenas curtiram a publicação e não fizeram nenhum comentário. Como o grupo e a matéria estavam no início, talvez muitos alunos não soubessem como reagir a algo tão novo. Afinal, nunca tínhamos utilizado o *Facebook* para tal função e outro possível motivo talvez tenha sido o assunto, que também era desconhecido da maioria. Reflete-se ainda sobre a desterritorialização dos saberes do ambiente virtual e seu funcionamento como suporte ao desenvolvimento da inteligência coletiva, como algo recente na WEB.

Conforme Patrício e Gonçalves (2010), essas tecnologias permitem aos professores definir estratégias inovadoras de ensino. Dessa maneira, quando o professor a propõe para a turma, essa transição ainda pouco conhecida para o campo da educação, leva os alunos a repensarem sobre seu papel nessa estrutura diferenciada de ensino. De acordo com Mattar (2013), uma estrutura aonde o professor busca a colaboração dos alunos numa estrutura emergente que se torna mais eficiente para atingir objetivos de aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

Por meio desse trabalho, percebe-se que estamos vivenciando um momento de transição, aonde as tecnologias aparecem cada vez mais inseridas no meio educacional. Dessa maneira, as tecnologias parecem encaminhar um processo de ensino-aprendizagem que intercala momentos presenciais e não presenciais. Isso faz com que surja a possibilidade de uma aprendizagem ubíqua, que permite que o aluno tenha acesso aos conteúdos e estude onde quiser e a qualquer momento.

Acredito que a experiência foi de grande valia, pois antes de estudar essa disciplina, eu nunca havia pensado na possibilidade de se utilizar uma rede social, na qual os alunos estão inseridos e conectados a maior parte do tempo, como um complemento às aulas. Além disso, os resultados alcançados foram bem positivos, pois nas aulas eram utilizados recursos atuais e diferentes dos quais os alunos estão acostumados.

Trabalhamos com vídeos e programas que não conhecíamos e usamos o computador com frequência. Isso tornava a maioria dos alunos mais interessados, o que nas aulas tradicionais não ocorria, pois percebia-se o desinteresse de alguns alunos. Inclusive alguns outros professores da Universidade, perceberam essa mudança de atitude de interesse em nossa turma e também, entraram no grupo para facilitar o contato com os alunos e compartilhar materiais.

O uso das redes sociais, em especial o *facebook*, como possível recurso de apoio pedagógico é bastante recente. Talvez essa seja uma das razões pela qual profissionais da área de educação talvez não tenham considerado a possibilidade de usá-lo como um recurso complementar no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, as tecnologias de informação e comunicação podem se aproximar mais do ambiente escolar, contribuindo para o enriquecimento das práticas pedagógicas.

Uma das maiores vantagens quanto ao uso do *Facebook* seria que as escolas, os professores e os alunos conversassem entre si e trocassem experiências, com mais frequência. Na rede social, os participantes conversam de igual para igual sem a ideia de hierarquia, que geralmente existe em sala de aula entre alunos e professores.

Além disso, o *Facebook* oferece vários aplicativos educacionais que podem fazer com que se torne mais atrativo e desta forma, é possível que o processo de ensino e de aprendizagem fique mais fácil, estimulando a criatividade dos estudantes, além de permitir a interação entre os principais envolvidos na construção de conhecimentos.

Os grupos no *Facebook* podem ser criados como espaços de troca de informações entre professor e alunos, aonde o docente tem a função de fazer a mediação das discussões e orientar os alunos. No grupo mencionado neste trabalho, todos os participantes podiam fazer uso do espaço virtual para compartilhar links interessantes, vídeos, páginas que auxiliassem nos estudos, entre outros materiais que julgassem interessantes.

Muitos alunos utilizam as redes sociais por várias horas, o que facilita a visualização de conteúdos compartilhados pelo professor no ambiente virtual. Assim, aproveitar o tempo que os alunos passam na *internet* pode ser útil para promover debates interessantes sobre temas do cotidiano, no intuito de desenvolver o senso crítico e o aprendizado colaborativo. Depreende-se que os alunos mais tímidos podem sentir um estímulo a manifestarem suas opiniões, pois muitas vezes ficam constrangidos em perguntar ou opinar sobre os temas desenvolvidos, temendo a reação dos demais alunos.

Trabalhar no meio virtual é um possível caminho para que os alunos comecem a pensar e vivenciar o aprendizado colaborativo. Ao entender que os materiais pesquisados e compartilhados serão úteis para a turma e para si, o aluno constata que contribui para a construção de conhecimento em coletividade.

Mesmo o *Facebook* sendo um possível recurso pedagógico, existe alguns empecilhos que podem prejudicar seu uso em sala de aula. Muitos alunos optam por não ter um perfil nessa rede social, por questão de privacidade ou até mesmo por falta de habilidade em sua utilização. Alguns estabelecimentos de ensino não permitem o acesso às redes sociais e acabam bloqueando a rede de internet para esse fim.

Alguns alunos não possuem habilidades suficientes para trabalhar com tecnologias e isso pode desestimular sua participação em aulas que exijam essa habilidade. Os professores precisam ficar atentos a essas diversas dificuldades, onde se optar pelo uso do *Facebook* ou qualquer outro recurso tecnológico, não exclua os alunos que por diversos motivos não possam participar dos grupos virtuais.

Pode-se concluir então, que o *Facebook* mesmo sendo um bom recurso pedagógico de complementação às atividades de sala de aula, deve ser usado com cautela e planejamento. Seu uso em atividades relacionadas ao ensino é novo e por isso, é preciso que o professor avalie o perfil de seus alunos e que reflita sobre as possibilidades e desafios de seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZARI, E. F; LOPES. J.G. Interatividade e tecnologia. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ENCUENTRO EDUCARE; **Educação tradicional e educação ubíqua**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gvhAmHXtESE>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. (trad. Susana Alexandria)

KRESS, G; Van Leeuwen, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996, 2006.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**, Rio de Janeiro: Editora 34, (1ª ed 1990), 1993

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. – 10. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999b.

MATTAR, João. **Redes sociais em educação**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6ZqoxzkiQlw&feature=youtu.be>>. Acesso em: 14 mar.2014.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação à distância: Cases no Brasil**. La educ@cion. Mai. 2011; nº 145: p1 a 23.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vítor. **Facebook: rede social educativa?** In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. p. 593-598, 2010. ISBN 978-989-96999-1-5

PORTAL EDUCAÇÃO. **Redes sociais na educação**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Y37Z8QVtdLA>>. Acesso em: 07 dez. 2015

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista da comunicação: Conectividade, mobilidade, ubiquidade. **Redes Sociais na comunicação organizacional**. - São Paulo: Paulus, 2013a – (Coleção Comunicação).

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. - São Paulo: Paulus, 2013b – (Coleção Comunicação).

TANZI, A. et al. Multiletramentos em ambientes educacionais. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.